

RELATÓRIA

Painel: O uso da tecnologia para educação étnico-racial de crianças e adolescentes

1. Informações sobre a atividade

Título do workshop: O uso da tecnologia para educação étnico-racial de crianças e adolescentes;

Temas do workshop: DINC - Diversidade e inclusão; Raça; Povos originários e tradicionais; Crianças e Adolescentes;

Componentes do Painel:



Proponente e Mediador: Wilson Guilherme Dias Pereira. Grupo de Pesquisa e Ativista Audre Lorde; Comunidade Científica e Tecnológica; Mestrando em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça pela Universidade Federal de Rondônia, Membro do Grupo de Pesquisa e Ativista Audre Lorde; Pesquisador do Instituto de Referência em Internet e Sociedade (IRIS); Embaixador (2021) e Mentore (2022) do Programa Cidadão Digital por Rondônia.



Co-proponente e Palestrante: Tainá Gomes. Comunidade Científica e Tecnológica; Universidade Federal da Bahia (UFBA); Graduada em Psicologia pela UFS (2021); Licencianda em Teatro na UFBA; Embaixadora do Programa Cidadão Digital pelo Estado de Sergipe (2021) e atual mentora; Jovem participante do programa Geração Zelo da ASEC em parceria com a UNICEF (2022); Atriz, escritora-poeta e pesquisadora das intersecções entre questões étnico-raciais, arte, gênero, saúde mental e Psicologia.



Painelista: Andreza Rocha. Fundadora e Diretora Executiva do AfrOya Tech, Hub de Projetos em Tecnologia e Inovação com foco em Diversidade, Equidade e Inclusão Racial. Integrante do GT de Raça e Gênero da Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia - SICT/RS. Consultora de projetos de gestão de pessoas, produtos digitais e serviços no ecossistema de TI. Especialista em curadoria, direção criativa, gestão de comunidades e eventos de tecnologia.





Painelista: Emanuel Herbert Elias Alencar. Terceiro Setor; Makira e'ta Rede de Mulheres indígenas do estado do Amazonas; Emanuel Baniwa é discente de psicologia, pesquisador pelo laboratório de fenomenologia existencial da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Nascido na capital do Amazonas, criado por sua avó, indígena do povo Tukano, e seu avô do povo Baniwa. Atuante do movimento indígena como comunicador jovem e liderança da rede de comunicação Makira e'ta. Como acadêmico, dialoga e constrói pensamentos sobre uma psicologia para povos indígenas, e como comunicador, luta pela visibilidade dos povos indígenas e pelo aldeamento da política brasileira, na linha de frente da comunicação, com câmeras na mão e dentro das universidades.



Painelista: Vanessa França. Setor Governamental; Prefeitura Municipal de Diadema/SP; Mestranda do Núcleo Diversitas Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da FFLCH da USP. Foi Assistente Técnico Pleno da Fundação Abrinq pelos Direitos da Infância, e trabalha há 27 anos na administração pública do município de Diadema, atualmente ocupando o cargo de Coordenadora Técnica do Programa Prefeito Amigo da Criança.



Relator: Luiz Fernando Alfrediano. Grupo de Pesquisa em Temas Avançados de Direitos Humanos da Faculdade Municipal de Linhares (GPDH FACELI); Comunidade científica e tecnológica; Graduando em Direito pela Faculdade Municipal de Linhares (FACELI). Embaixador (2021), Líder e Jovem Mobilizador do Dia da Internet Segura no Brasil (2022/2023) do Programa Cidadão Digital (SAFERNET BRASIL E GRUPO META).



Produção Editorial da Relatoria: Yuri Silva Lima. Advogado, especialista em Transformação Digital e Inovação. Pesquisador membro do Núcleo de Estudos em Economia, Tecnologia e Sociedade - UFC.

2. Estruturação do Workshop

Objetivos propostos e atingidos:

1. Discutir a relação entre tecnologia e racismo;
2. Entender como construir diálogos que insiram crianças e adolescentes nesse contexto, percebendo como um direito humano básico o reconhecimento e respeito étnico-racial a partir das tecnologias;
3. Apresentar estratégias, desafios e práticas de agenciamento coletivo e individual multissetoriais que possam servir de modelo para políticas públicas sobre o tema.

Resultados propostos e atingidos:

1. Evidenciar a responsabilidade e o papel da educação em tecnologia no combate ao racismo;
2. Evidenciar a ausência da democracia tecnológica e os vários níveis de acesso a ela nas diversidades das regiões brasileiras e realidades socioeconômica;
3. Constituir estratégias multissetoriais para o agenciamento individual e coletivo de práticas antirracistas, para crianças e adolescentes;
4. Enumerar algumas metodologias e ferramentas práticas que podem ser utilizadas para promoção do debate étnico-racial a partir da tecnologia com o público infanto-juvenil.

Justificativa em relação à governança da Internet:

- Centralizar o debate étnico-racial no maior Fórum de Governança da Internet do Brasil se fez vital para caminhar cada vez mais em direção à superação de desafios que perduram há mais de uma década na GI, apontados inclusive na Cúpula Mundial da Sociedade de Informação (Genebra, 2003), como uma das adversidades a serem superadas para podermos pensar em uma Internet que seja para todas/os/es. Dessarte, utilizando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para a promoção do bem comum, em especial do combate às assimetrias causadas pelo racismo e etnocentrismo, temática essa reapropriada no NETMUNDIAL (Brasil, 2014), e afirmada como compromisso de diversidade nas políticas de seleção de workshops do FIB. Todavia, desde o FIB9, somente dois workshops foram aprovados com temas diretamente correlatos a racismo no Brasil, e ambos no mesmo ano (2020), mas nenhum com uma proposta direta sobre etnocentrismo. Assim, entende-se que o painel se apresentou como exitoso à Governança da Internet, ao trazer a oportunidade não apenas do acúmulo teórico e político no encontro, como representacional.
- É preciso destacar que os abismos fomentados pelas assimetrias do racismo brasileiro não atingem somente a perspectiva do acesso, mas também as relações que esses sujeitos podem ter nas TICs, os enfrentamentos e embates com discursos de ódio. Assim, ao propormos pensar o uso da tecnologia para uma educação étnico-racial de crianças e adolescentes, propusemos uma reflexão que atenda não apenas aos pilares da GI, mas normativas nacionais como a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Metodologia e formas de participação desenvolvidas durante a atividade.

- Uso da ferramenta [Padlet](#) para a construção de uma história étnico-racial conjunta e

2. Estruturação do Workshop

- emancipadora, demonstrando de forma prática uma das possibilidades de utilização da tecnologia e da arte para um letramento étnico-racial.
- Exercício de desconexão com respiração guiada, para centralizar o foco no debate, resgatando, a partir dessa prática, as origens do Kemetico, ampliando o espaço reflexivo a partir da centralidade no espaço e território dialógico que constituímos, entendendo inclusive que o ato de respirar e exercício para nossa saúde mental e espiritual estão diretamente ligados à nossa ancestralidade negra-indígena brasileira.
- Três rodadas de conversa, 20 minutos cada, em que as/os debatedores comentaram, a partir de suas experiências e estudos, os seguintes temas: Qual a relação entre racismo e tecnologia?; Por que e como construir diálogos de tecnologias antirracistas com crianças e adolescentes, a partir dos direitos humanos?; E quais os principais desafios e práticas multissetoriais que podemos adotar para utilizar a tecnologia na construção de uma educação antirracista para crianças e adolescentes? Os temas foram apresentados por meio de uma apresentação na plataforma [Prezi](#), para dinamizar os diálogos.
- 15 minutos para perguntas e respostas da plateia - remota, seja pelo canal da transmissão no YouTube ou [Mentimeter](#), e presencial.
- 5 minutos para comentários finais de agradecimentos.

3. Síntese dos Debates

Anderson Ribeiro (FIB13) realizou a abertura do painel com uma fala institucional e passou a palavra para o/a moderadore.

Wilson Guilherme Dias Pereira (Grupo de Pesquisa e Ativista Audre Lorde/IRIS), iniciou fazendo sua audiodescrição, realizou os agradecimentos iniciais, abordou o tema e os objetivos do painel, reforçando a relevância de discutir o uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) para educação étnico-racial de crianças e adolescentes, sobretudo, em um painel composto exclusivamente por pessoas negras e indígenas.

Apresentou os painelistas e convidou os participantes a contribuírem com a construção de uma história conjunta por meio do padlet. Convidou a palestrante Tayná Gomes para realizar um momento de respiração guiada. Feita a dinâmica, descreveu a metodologia do painel, bem como agradeceu ao NIC.br pela aprovação do Workshop, e passou a palavra para a primeira palestrante.

Exposição de Andreza Rocha (CEO & Founder Afroya Tech Hub)

Pergunta Disparadora: Qual a relação entre racismo e tecnologia?

A palestrante fez sua audiodescrição e teceu agradecimentos. Iniciou sua exposição chamando a atenção para o fato do setor privado, no qual atua há 20 anos, possuir uma lacuna no que compreende a presença de pessoas negras em seus espaços, o que reforça a ausência de

3. Síntese dos Debates

representação nos processos de criação e produção de produtos e serviços como as tecnologias.

Destacou a importância das produções acadêmicas sobre racismo e tecnologia para os avanços nos diálogos sobre os temas, e exemplificou utilizando o texto do artigo “Da colônia à república: como sociedades fundadas na escravidão modulam o comportamento algorítmico”, escrito por Max Fabiano Rodrigues de Oliveira e Diego André Cerqueira, disponível na [3ª Coletânea de Artigos - TIC, Governança da Internet, Gênero, Raça e Diversidade \(p. 281-299\)](#). Refletiu que, para além da produção de conhecimentos sobre o tema, é preciso disseminá-los, sobretudo, no mundo corporativo.

Apresentou alguns dos resultados da pesquisa [“Quem somos: mapa de talentos negros na tecnologia”](#), realizada pelo AfrOya Tech Hub, sob a direção técnica do Instituto Sumaúma, e focou no dado de que, das 10 empresas mais citadas pelas pessoas negras como destaque na área de diversidade e inclusão, apenas 1, na verdade, era de tecnologia, as demais apenas se intitulavam, mas têm sua atuação voltada para outros campos.

Finalizou demonstrando sua preocupação em trabalhar mais para alcançar alguns objetivos, sendo eles: **1)** levar as discussões sobre Governança da Internet (GI) para o setor privado, em especial sobre as questões étnico-raciais; **2)** criar comunidades de tecnologia descentralizadas, que são grupos ocupados pelos atores sub-representados do setor tecnológico, para fazer o trânsito de diálogo entre a parte teórica e prática dos temas de GI. Trouxe como exemplo dessas comunidades as iniciativas [Minas Programam](#), [InspirAda na Computação](#) e [Manas Digitais](#); e **3)** responsabilizar as empresas de forma prática pelo que estão fazendo e, principalmente, pelo que estão deixando de fazer quando o assunto é racismo e tecnologia.

Exposição de Tayná Gomes (Universidade Federal da Bahia - UFBA)

Pergunta Disparadora: Qual a relação entre racismo e tecnologia?

A palestrante iniciou sua fala dizendo que vivemos em uma sociedade estruturalmente racista, e quando queremos pensar em formas de intervenção social, precisamos entender onde e de que maneira o racismo atua.

Afirmou que, se nossa sociedade é racista, e as tecnologias estão diretamente ligadas com o desenvolvimento e avanços sociais, pode-se presumir que a tecnologia também é racista.

Considerou que, se o objetivo é mudar as formas como as tecnologias são desenvolvidas na atualidade, precisamos entender a importância do letramento racial para o ambiente digital. Afirmou que não existe uma “receita de bolo” para concretizarmos esse letramento e destaca que, pensar nisso é, sobretudo, intervir nos modos de conduta que temos para desnaturalizar e desconstruir noções racistas normalizadas em nossa sociedade.

3. Síntese dos Debates

Frisou que as relações de opressão são operantes em nossa sociedade e mesmo que pessoas negras não estejam mais sendo vendidas em praça pública, isso não quer dizer que o racismo não exista, haja vista os mecanismos de sujeição terem se adequadado às novas dinâmicas da sociedade. Apontou ser importante entender isso, pois ao se propor um painel que tem em vista discutir o uso das tecnologias para educação étnico-racial de crianças e adolescentes, está-se buscando uma reeducação da sociedade na totalidade.

Reforçou a necessidade de compreender que o cenário de violências não irá mudar de repente, conforme disse a ativista e pensadora Audre Lorde, pois a revolução não é um evento único, mas algo contínuo e cotidiano.

Afirmou que está cansada de ser uma “mera representação”, no sentido de ser aquela uma pessoa preta em uma empresa, por exemplo, pois pessoas negras e indígenas representam uma quantidade considerável do povo brasileiro, mas continuam sub-representadas em espaços como os da GI.

Declarou que a ideia do painel é demonstrar, também, que os povos indígenas não são um recorte isolado dentro da pauta que abordamos enquanto negritude. Precisa-se pensar em como estamos dando visibilidade para esses grupos, os debates que possuem, as necessidades e demandas que querem e devem trazer para as discussões envolvendo tecnologias.

Apontou a importância de garantir direitos existenciais para pessoas pretas como o ir e vir, se relacionar, bem viver e afeto. Contudo, destacou que, muito mais que garantir tais direitos, é necessário possibilitar participações efetivas nos processos de pensar e construir as tecnologias. Tudo isso deve ser levado em consideração e precisa ser feito com carinho e cuidado, pois estamos falando de subjetividades, ou seja, de modos de viver, existir e se relacionar de pessoas afetadas diariamente pelas violências *online* ou *offline*, cujos impactos são reais em termos psicológicos, sociais e emocionais.

Concluiu dizendo que quando nos dispomos a dialogar sobre letramento racial e educação étnico-racial de crianças e adolescentes, mas não somente para esse público, entendemos que só conseguimos fazer isso efetivamente quando reunimos diferentes atores para pensar e construir estratégias. Afirmou que quando precisamos revolucionar não podemos fazer isso sozinhos, os diversos setores da sociedade precisam estar representados e participando efetivamente.

Exposição de Wilson Guilherme Dias Pereira (Moderadore):

Afirmou que quando a Tayná Gomes fala sobre a internet e a tecnologia não serem neutras, vem à sua memória a fala de Thallita Lima, pesquisadora do [Panóptico](#), no sentido de entender a ambivalência que permeia as tecnologias, haja vista a fluidez para o lado positivo, que é a proposta deste painel, e negativo, o qual precisamos entender que existe e está sendo

3. Síntese dos Debates

evidenciado neste primeiro momento para iniciar os debates.

Exposição de Vanessa França (Prefeitura Municipal de Diadema/SP)

Pergunta Disparadora: Por que e como construir diálogos de tecnologias antirracistas com crianças e adolescentes, a partir dos direitos humanos?

Iniciou sua fala pedindo licença aos seus mais velhos e aos mais novos, agradeceu pelo convite para compor o painel e fez sua audiodescrição. Apontou a falta de reconhecimento dos corpos negros em espaços de poder da nossa sociedade e destacou a ausência da presença significativa de mulheres pretas no FIB13, o que a fez questionar onde as mulheres como ela estão na Gl. Ainda sobre representatividade, propôs a reflexão: quando se fala em educação e tecnologia para crianças negras, qual o nível de representatividade que elas enxergam nesses espaços?

Abordou a história de Ágatha, [menina de 8 anos assassinada no complexo do Alemão/RJ](#), em um carro utilizado como coletivo no dia 20/09/2019. Ponderou que, talvez, se fosse permitido à Ágatha crescer e viver, ela seria uma participante do programa *Youth* e estaria conosco em futuros FIBs. Questionou-se a respeito do que faltou na vida de Ágatha.

Apresentou Diadema como a quarta cidade do país com o maior índice de pessoas negras (pretos e pardos), conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Afirmou que antes mesmo de falar em garantir o acesso às tecnologias, é preciso pensar em outros pontos que também precisam ser tutelados, haja vista a necessidade de pensar na totalidade do desenvolvimento das crianças e adolescentes, que não são fragmentados. Destacou que essa realidade precisa ser considerada quando se fala em educação étnico-racial.

Trouxe a noção de que quando abordamos a questão da visibilidade ou da tecnologia, por exemplo, discutimos muito sobre as tecnologias digitais, e sempre por uma perspectiva eurocêntrica. Isso faz com que nos esqueçamos das tecnologias ancestrais, como o jogo chamado de Mancala, usado para ensinar matemática, por meio da abordagem de conteúdos como binários e algoritmos, questões de grande importância ao se abordar o desenvolvimento das tecnologias.

Prosseguiu afirmando que o município de Diadema assumiu o compromisso de efetivar a [Lei 9.394/96](#) alterada pela [Lei 10.639/2003](#), que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", bem como a [Lei 11.645/2008](#), que incluiu a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

3. Síntese dos Debates

Destacou a importância da aplicação dessas leis para construir currículos escolares que de fato sejam representativos para crianças e adolescentes negros e indígenas, assim como elencou o uso de jogos e livros como meios de acessar às tecnologias ancestrais, e a partir delas, crianças e adolescentes desenvolverem e construir um novo mundo.

Apresentou e reforçou a centralidade da iniciativa conhecida como “Observatório da Educação”, uma das ações do programa [“Escola que Protege”](#), que busca promover maiores intervenções no território de Diadema/SP, por meio da convocação para o diálogo entre escolas, secretaria de segurança cidadã, esporte, cultura, entre outras, bem como a comunidade e os alunos, representados pelos grêmios estudantis, com o objetivo de conhecer a realidade local e ouvir as crianças e adolescentes da região.

Citou sua atuação como coordenadora do programa [“Prefeito Amigo da Criança”](#), e discorreu sobre um mapeamento realizado, no qual foi possível identificar cerca de 88 programas existentes na cidade de Diadema/SP, cujo objetivo é a garantia de direitos de crianças e adolescentes.

Expôs os diálogos que tem com a prefeitura de Diadema/SP, no que compreende o acesso às tecnologias, pois entende que discutir tecnologias digitais é também falar de acesso. Exemplificou trazendo que o município possui atualmente, entre praças e equipamentos, 78 pontos de acesso gratuito ao wi-fi, e afirmou que o objetivo é ter 86.

Reforçou a importância de estimular a juventude a se apropriar das tecnologias como aprendizes, o que é permitido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a partir dos 14 anos, posto que tal estímulo tem o potencial de desenvolver uma geração de pesquisadores, operadores do direito, desenvolvedores e programadores.

Encerrou sua explanação afirmando acreditar no poder de pequenos esforços mudarem a realidade de crianças e adolescentes, e destacou que isso poderia ter mudado a história da Ágatha.

Exposição de Wilson Guilherme Dias Pereira (Moderador):

Argumentou que falar sobre o uso de tecnologia para crianças e adolescentes, principalmente no contexto de racialidade, é entender os atravessamentos que o Brasil vem passando na atualidade.

Afirmou que os setores de tecnologia têm se apropriado da pauta envolvendo esses grupos, mas nem sempre têm feito isso de forma correta, porque muitas vezes fazem uma análise meramente discursiva, sem de fato dialogar com a questão da racialidade, que não somente nos atravessa, mas também a vida de crianças vivas, como as crianças indígenas que lutam por diálogos nas áreas abordadas no painel.

3. Síntese dos Debates

Exposição de Emanuel Herbert Elias Alencar ([Makira e'ta Rede de Mulheres indígenas do Estado do Amazonas](#))

Pergunta Disparadora: Por que e como construir diálogos de tecnologias antirracistas com crianças e adolescentes a partir dos direitos humanos?

Iniciou alertando para a importância de entendermos a existência de realidades distantes em que a luta pela abrangência geral das tecnologias contemporâneas é constante. Por mais que se fale em 80% da população ter acesso à internet, entende que é necessário pensar se realmente essa conexão e as tecnologias estão chegando de forma efetiva.

Afirmou que o adolecer da adolescência é uma construção de faticidade gigante. Desse modo, apresentar assuntos relacionados a étnico-racialidade e tecnologias para crianças e adolescentes negros e indígenas envolve intersecções diferenciadas.

Manifestou sua discordância das ideias de que tudo é igual para todos. Entende que o que se aplica de norte ao sul, não necessariamente servirá para as demais regiões do país.

Narrou sobre sua atuação no movimento indígena, bem como acerca das vivências de seu povo nas redes sociais, e apontou que hoje é possível ver indígenas se destacando na internet, e citou como exemplo de influenciadores digitais [Samela Sateré Mawé](#) e [Tukumã Pataxó](#). Contudo, destacou que mesmo diante disso, é possível notar os constantes ataques que seu povo sofre por estar na internet.

Alegou que durante a pandemia as comunidades indígenas avançaram na compreensão de como utilizar as tecnologias para combater desinformação e, também, sobre como levar e conseguir informações de quem está em suas bases.

Narrou que hoje trabalha com uma rede de 35 jovens de 17 povos diferentes do Amazonas. Afirmou que o seu Estado é extenso territorialmente e tem uma realidade totalmente diferente das demais encontradas no Brasil, porque não existe conectividade para todos os jovens. A partir disso, refletiu sobre a dificuldade de apresentar as tecnologias para os seus pares, assim como de dizer para eles sobre a existência de espaços de discussão sobre tecnologias.

Nesse sentido, entende como relevante dialogar sobre tecnologias para todos, mas sem desconsiderar a necessidade de compreender como todos terão acesso, considerando a diferença contextual de quem está no meio urbano e de quem está nas comunidades.

Abordou que existe uma luta para que os povos indígenas se reconheçam no ambiente digital, haja vista a constante busca por retirá-los desse ambiente. Expôs como exemplo de apagamento, a padronização eurocêntrica determinando o que é belo, comercializável e padrão

3. Síntese dos Debates

nas redes sociais. Traz como reflexo disso, o fato de alguns dos jovens com quem atua não se sentirem confortáveis para falar em vídeos, pois é dito para eles que falam errado, tão somente por se expressarem em sua língua originária, e não em português.

Leu a seguinte frase de [André Baniwa](#): “A interculturalidade é coisa do ser humano, é coisa do ser vivente. A aprendizagem de outras culturas e tradições sempre acontece e se processa a partir da própria perspectiva de incorporar outros conhecimentos, sem perder seus próprios sistemas, suas originalidades”. Nesse sentido, reforçou o quanto é importante fortalecer seu povo, sobretudo no contexto das tecnologias, e afirmou estar no FIB13 para mostrar que indígenas existem, atuam ativamente e possuem suas próprias formas de comunicação.

Ponderou que a educação antirracista perpassa, especialmente, sobre as reflexões de como dizer não quando pessoas chegam às comunidades indígenas para apresentar soluções prontas sem sequer ouvi-los. Apontou a importância de respeitar os povos indígenas e enxergá-los nos seus espaços.

Destacou a necessidade de garantia dos direitos humanos como acessibilidade, educação, água potável, denúncia, ingresso e permanência numa faculdade, tudo isso por meio das tecnologias.

Concluiu dizendo que estava ali para nos ouvir e aprender conosco, mas que também queria espaço e abertura para que pudéssemos aprender com ele e seu povo. Argumentou sobre como é necessário nos lembrar de que estamos juntos nos combates enquanto população preta e indígena, acreditando que nossas lutas não são tão diferentes, apesar das especificidades.

Exposição de Wilson Guilherme Dias Pereira (Moderadore):

Reforçou a necessidade da escuta e dos diálogos para a construção de tecnologias antirracistas que coloquem negros e indígenas no centro. Argumentou que isso passa primeiro pelo ouvir, segundo pela formação das pessoas que desenvolvem as tecnologias, e terceiro, por entender que não dá para ter enquanto critério de diversidade selecionar painéis para o FIB com uma pessoa negra ou uma pessoa indígena, pois, ou os painéis são majoritariamente negros e indígenas, ou a tecnologia seguirá sendo racista!

Exposição de Tayná Gomes (Universidade Federal da Bahia - UFBA)

Pergunta disparadora: Quais os principais desafios e práticas multissetoriais que podemos adotar para utilizar a tecnologia na construção de uma educação antirracista para crianças e adolescentes?

Para responder à pergunta, a painelistra esclareceu o significado de dois símbolos que estavam no slide, muito conhecidos como Sankofa.

3. Síntese dos Debates



Fonte: www.dicionariodesimbolos.com.br

Descreveu que as imagens trazem a ideia de que nunca é tarde para resgatar aquilo que ficou no passado, ou seja, sempre temos a possibilidade de reconhecer a nossa história por meio de outras perspectivas.

Trouxe a concepção de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, que aborda o risco de enxergar as coisas por meio de uma única narrativa ou perspectiva.

Nesse sentido, destacou que o intuito de utilizar o Sankofa no painel é dizer para as pessoas pretas e indígenas reconhecerem suas raízes, se reconectarem com suas histórias e buscarem outras narrativas que evidenciem quem são. Completou dizendo que se nós não conseguimos reconhecer a nossa história por intermédio do nosso povo, somos fadados a viver uma mentira.

Em termos de propostas, reforçou a necessidade de espaços ampliados de escuta das crianças e adolescentes, que possibilitem compreender quais as suas reais dificuldades para existir na internet e utilizar as tecnologias.

Trouxe sua experiência enquanto embaixadora do programa [Cidadão Digital](#) (Safernet Brasil e Grupo Meta), quando realizou atividades educativas nas escolas públicas do Brasil, e defendeu a centralidade de manter o diálogo com os educadores, sempre reforçando a importância dos mesmos nos processos de construção dos saberes e estímulo das crianças e adolescentes a refletirem sobre si.

Ademais, destacou o papel primordial dos educadores na abordagem dos temas relacionados à cidadania digital, e a necessidade de oferecer apoio para desenvolverem os diálogos com os alunos. Apresentou iniciativas e materiais que auxiliam nas abordagens como o [Guia Prático para Educadores](#) (Safernet e Grupo Meta) e a iniciativa [PretaLab](#), bem como destacou a importância de celebrar as iniciativas já existentes e estimular outros profissionais a trabalharem ativamente na construção de novos projetos.

Concluiu direcionando sua fala especificamente para as pessoas negras, no sentido de que somente conseguiremos construir uma sociedade tecno-antirracista se de fato estivermos engajados nos processos de educação étnico-racial, sempre prezando pelo diálogo com setores e pessoas diversas.

3. Síntese dos Debates

Exposição de Vanessa França (Prefeitura Municipal de Diadema/SP)

Pergunta disparadora: Quais os principais desafios e práticas multissetoriais que podemos adotar para utilizar a tecnologia na construção de uma educação antirracista para crianças e adolescentes?

Começou sua fala afirmando que o desafio principal que vê é o como incentivar o protagonismo de crianças e adolescentes, haja vista que ainda existe uma perspectiva muito voltada para a noção de que eles só se tornam sujeitos quando atingem a maioridade.

Destacou que um grupo pelo qual tem grande apreço envolve crianças e adolescentes em medidas socioeducativas. Refletiu sobre o que oferecemos para esses grupos, punição ou oportunidades de desenvolvimento e reconhecimento nas tecnologias.

Abordou, a título de exemplo, a importância de olharmos para as crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social, muitas vezes “adotadas” pelo tráfico, como sujeitos plenamente capazes de contribuir e pertencer aos espaços de poder, sempre levando em consideração as suas próprias formas de se comunicar e se colocar no mundo.

Exposição de Andreza Rocha (CEO & Founder Afroya Tech Hub)

Pergunta disparadora: Quais os principais desafios e práticas multissetoriais que podemos adotar para utilizar a tecnologia na construção de uma educação antirracista para crianças e adolescentes?

Para iniciar sua fala, apontou a necessidade de diversos olhares sobre a questão. Informou que não irá responder com base em sua atuação no mercado corporativo, mas como mãe de um adolescente preto de 13 anos.

Nesse sentido, declarou a pressa que possui e o quanto alguns diálogos altamente patrocinados já não mais atendem às demandas de crianças como Ágatha, das comunidades amazônidas e negras que estão no sul do Brasil.

Narrou a sua preocupação materna em ensinar o seu filho preto a ir ao supermercado sem ser abordado pela polícia. Falou sobre as vivências de seu filho nas redes e provocou a reflexão sobre até quando iremos tão somente falar sem agir.

Vê a atuação de pessoas engajadas com tecnologias nas redes sociais como, muitas vezes, puramente “twitteira”. Em contrapartida, notou que existem grandes lideranças negras pensando e desenvolvendo inovações tecnológicas em companhias de tecnologia que estão alienadas em relação aos debates da GI.

3. Síntese dos Debates

Apontou que vê como um caminho para a educação étnico-racial de crianças e adolescentes a cobrança de efetivação de leis já existentes, como a que obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas escolas do país. Reforçou a noção da nossa responsabilidade sobre o que já existe.

Para finalizar, argumentou sobre a responsabilidade que pessoas negras ocupantes de espaços de destaque na tecnologia têm, haja vista a constante opressão e exclusão que seus pares ainda sofrem na sociedade.

Exposição de Emanuel Herbert Elias Alencar (Makira e'ta Rede de Mulheres indígenas do estado do Amazonas)

Pergunta Disparadora: Quais os principais desafios e práticas multissetoriais que podemos adotar para utilizar a tecnologia na construção de uma educação antirracista para crianças e adolescentes?

Iniciou sua explanação destacando que na sua realidade local tem atuado na promoção da educação antirracista por meio de diálogos com os professores, comunidades e alunos. Apontou que não basta simplesmente entregar um material nas mãos das pessoas e dizer para lerem. Exemplificou citando a comunidade Filadélfia, do povo Tikuna, onde atua fornecendo, além de materiais, capacitações sobre temáticas como o racismo.

Apontou que nas comunidades tem trabalhado baseado no que já existe, como a [Lei 9.394/96](#), com as alterações da Lei [11.645/2008](#), focando em reforçar dentro das escolas os temas relacionados à história e cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Reiterou a necessidade de uma compreensão contextual das demandas de cada comunidade indígena, de forma que os profissionais que forem articular e tratar sobre temas como racismo, apliquem o conhecimento à realidade, haja vista que concepções e conceitos disseminados no contexto urbano, nem sempre são efetivos, se replicados nas comunidades. Exemplificou narrando situações em que entrevistou pessoas que, quando questionadas se já haviam sofrido racismo, diziam que não. Contudo, quando explicava uma situação de racismo e dizia o que era, as pessoas começavam a identificar que já haviam passado pelas situações. Nesse sentido, pontuou a educação étnico-racial como uma ferramenta central que deve abranger a todos.

Apontou como um desafio enfrentado pelos indígenas amazônidas a ocupação dos espaços acadêmicos, desde o ensino fundamental à graduação, pois, além de terem que sair de suas comunidades para estudar, precisam se preocupar com estratégias de permanência e como serão acolhidos nesses ambientes, porquanto indígenas são constantemente discriminados. Para concretizar sua fala, apresentou o caso da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) que não possui um vestibular próprio para ingresso de indígenas em seus cursos, enquanto universidades de fora do Estado possuem.

3. Síntese dos Debates

Defendeu que a educação é uma ferramenta de suma importância para os indígenas, pois, por meio dela, é possível identificar as lutas que devem ou não engajar.

Refletiu sobre a necessidade de se pensar formas de levar informações acerca das questões que afetam os povos indígenas para que eles possam se mobilizar, pois isso não ocorre na atualidade e tem como um fator a ausência de conectividade.

Participação do Público Virtual:

Pergunta do Paulo Rená: Eu queria provocar vocês a pensar esse tema da infância à luz de meu xará Paulo Freire, e se poderiam indicar uma mulher preta brasileira cujo ensinamento deveríamos conhecer?

Pergunta sem identificação do emissor: Sobre a prática, vocês lembram de quando conseguiram fazer a diferença para jovem ou jovens negros, e outra situação em que vocês não conseguiram? Poderia ter sido diferente? O quê?

Pergunta sem identificação do emissor: Por favor, vocês teriam exemplos ou práticas para dialogar com negres e indígenas que, ou não sabem, ou não reconhecem, o racismo?

Participação do Público Presencial:

Contribuições e Questionamentos da Danielle Costa (Manas Digitais):

Iniciou sua manifestação se apresentando e dizendo que é da região Amazônica. Destacou que 56% das populações indígenas se encontram nessa região.

Afirmou que, de acordo com IBGE, ela é uma mulher parda. Essa classificação sempre a fez se sentir como um “papel encardido”, pois não cabia na negritude, devido aos seus cabelos, nem como branquitude, visto que não é branca. Contudo, no FIB13, descobriu que pode se considerar uma afro-indígena.

Acrescentou que o seu doutorado foi na área de genética, e destacou um [trabalho publicado em 2020](#), cujo escopo era a demarcação do DNA brasileiro. Os dados revelaram que 70% das nossas mães são negras e indígenas, e 75% dos nossos pais são europeus. Argumentou que isso revela a história do estupro e da colonização do nosso país.

Diante disso, questionou como podemos levar a mensagem sobre quem as pessoas negras e indígenas são?

Contribuições e Questionamento da Thais Rugolo (Coordenadora da Clínica de Direitos da Criança e do Adolescente da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo):

3. Síntese dos Debates

Deu início a sua fala concordando com o questionamento feito pela painelistas Andreza Rocha, no que compreende a aplicação da [Lei 10.639/03](#), pois o Instituto Alana, em parceria com o Geledés, produziu e publicou um relatório sobre a [atuação das secretarias municipais de educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira](#), cujo resultado demonstrou que cerca de 70% das escolas ainda não aplicam a referida lei. Destacou que vê isso com descontentamento, pois estamos falando de uma lei que está vigente há 20 anos e, infelizmente, não avançamos em sua aplicação.

Refletiu sobre o como a ausência de pessoas pretas, indígenas e neurodivergentes, pensando e trabalhando a tecnologia, aumenta a ausência de representatividade.

Argumentou que de fato é complexo pensar em avanços quando os temas que debatemos na GI não chegam em alguns espaços que pensam e constroem as tecnologias.

Nesse sentido, finalizou questionando como fazer para termos mais pessoas como nós nos espaços da GI pensando a tecnologia?

Contribuições e Questionamentos do Yuri Lima (Programa Youth Brasil 2023):

Iniciou sua fala destacando sua felicidade em, após 10 anos do estatuto da juventude, ver a juventude ocupando o espaço do FIB13 e trazendo uma pauta tão importante como a do painel. Após, questionou sobre a educação entre pares e como podemos levá-la para mais pessoas, em termos de coletividade.

Respostas e comentários sobre as contribuições e questionamentos do público:

Exposição de Tayná Gomes (Universidade Federal da Bahia - UFBA):

Começou sua explanação apontando que é necessário desconstruir a percepção social de quem é que pode educar e destacou excelente autoras com quem aprendeu muito. Exemplificou apresentando Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e bell hooks. Destacou que aprende muito com escritoras e dialogando com pessoas diferentes, e recomendou o [Portal Geledés](#) como uma fonte excelente de referências.

Quanto às formas de educar, discorreu que no processo de elaboração de seu trabalho de conclusão de curso, trabalhou com mulheres negras de diversas regiões do Brasil, e isso a fez perceber a existência de múltiplas possibilidades de se entender o debate sobre questões étnico-raciais. Refletiu que uma das suas conclusões é a importância de trabalhar nossa sensibilidade, pois isso amplia as formas de enxergar como podemos resistir às narrativas racistas. Apontou o teatro e a escrita como formas de remodelar nossas existências de forma prazerosa.

Exposição de Andreza Rocha (CEO & Founder Afroya Tech Hub):

3. Síntese dos Debates

Iniciou sua fala convidando as pessoas que atuam no setor corporativo a acompanharem instituições que discutem os temas da GI, bem como apoiarem, financeira e institucionalmente, organizações que já estão atuando na promoção dos diálogos sobre tecnologias e direitos.

Destacou a importância disso, haja vista a inexistência de uma única realidade em nosso país, posto que somos povos heterogêneos, ou seja, com demandas e especificidades próprias.

Encerramento:

Exposição de Wilson Guilherme Dias Pereira (Moderador):

Realizou a leitura da história final construída em conjunto com os participantes por meio do Padlet e fez os agradecimentos finais.



4. Identificação de consensos, dissensos e pontos a aprofundar

TIPO DE MANIFESTAÇÃO (POSICIONAMENTO OU PROPOSTA)	CONTEÚDO	CONSENSO OU DISSENSO
Proposta (Andreza Rocha)	Criar comunidades de tecnologia descentralizadas para fazer o trânsito de diálogo entre a parte teórica e prática dos temas de GI e o setor privado.	Consenso
Proposta (Andreza Rocha)	Expandir iniciativas de tecnologia para além do eixo sudeste, com o intuito de gerar mais diversidade na produção de tecnologias.	Consenso
Posicionamento (Tayná Gomes)	Se o objetivo é mudar as formas como as tecnologias são desenvolvidas na atualidade, precisamos entender a importância do letramento racial para o ambiente digital.	Consenso
Posicionamento (Tayná Gomes)	Falar de letramento racial no ambiente digital é pensar onde estão as pessoas pretas nos espaços de poder, de tomada de decisão nas instituições que regulamentam e desenvolvem as tecnologias, e os seus papéis efetivos nesses espaços.	Consenso

4. Identificação de consensos, dissensos e pontos a aprofundar

TIPO DE MANIFESTAÇÃO (POSICIONAMENTO OU PROPOSTA)	CONTEÚDO	CONSENSO OU DISSENSO
Posicionamento (Tayná Gomes)	Quando nos dispomos a dialogar sobre letramento racial e educação étnico-racial de crianças e adolescentes, mas não somente para esse público, só conseguimos fazer isso efetivamente quando reunimos os diversos setores da sociedade que precisam estar representados e participando efetivamente.	Consenso
Posicionamento (Vanessa França)	Quando se fala em educação e tecnologia para crianças negras e negros, qual o nível de representatividade que eles e elas enxergam nos espaços da GI?	Consenso
Posicionamento (Vanessa França)	Antes de falar em garantir o acesso às tecnologias, é preciso pensar em outros pontos que também precisam ser garantidos, haja vista a necessidade de pensar na totalidade do desenvolvimento de crianças e adolescentes.	Consenso

4. Identificação de consensos, dissensos e pontos a aprofundar

TIPO DE MANIFESTAÇÃO (POSICIONAMENTO OU PROPOSTA)	CONTEÚDO	CONSENSO OU DISSENSO
Posicionamento (Vanessa França)	Importância da aplicação das leis no 9.394, alterada pela Lei 10.639/03 e 11.645/2008, para construir currículos escolares que de fato sejam representativos para crianças e adolescentes negros e indígenas.	Consenso
Proposta (Vanessa França)	Usar jogos e livros como meios de promover o acesso às tecnologias ancestrais.	Consenso
Proposta (Vanessa França)	Garantir a participação dos adolescentes nas conversas e também no desenvolvimento de plataformas e projetos.	Consenso
Posicionamento (Emanuel Herbert Elias Alencar)	O que se aplica de norte ao sul, não necessariamente servirá para as demais regiões do país.	Consenso
Proposta (Emanuel Herbert Elias Alencar)	Fornecer, além de materiais, capacitações sobre temáticas como o racismo.	Consenso

4. Identificação de consensos, dissensos e pontos a aprofundar

TIPO DE MANIFESTAÇÃO (POSICIONAMENTO OU PROPOSTA)	CONTEÚDO	CONSENSO OU DISSENSO
Posicionamento (Emanuel Herbert Elias Alencar)	Ao dialogar sobre tecnologias é necessário considerar a diferença contextual de quem está no meio urbano e de quem está nas comunidades, de forma que os profissionais que forem articular e tratar sobre temas como racismo nas localidades, apliquem o conhecimento à realidade, haja vista que concepções e conceitos disseminados no contexto urbano, nem sempre são efetivos, se replicados nas comunidades.	Consenso
Proposta (Tayná Gomes)	Manter o diálogo com os educadores, sempre reforçando a importância dos mesmos nos processos de construção dos saberes, sobretudo, acerca da cidadania digital, e estímulo das crianças e adolescentes a refletirem sobre si.	Consenso
Posicionamento (Emanuel Herbert Elias Alencar)	A educação étnico-racial é de suma importância e deve abranger a todos.	Consenso

4. Identificação de consensos, dissensos e pontos a aprofundar

TIPO DE MANIFESTAÇÃO (POSICIONAMENTO OU PROPOSTA)	CONTEÚDO	CONSENSO OU DISSENSO
Posicionamento (Vanessa França)	O desafio principal que vê é o como incentivar o protagonismo de crianças e adolescentes, haja vista que ainda existe uma perspectiva muito voltada para a noção de que eles só se tornam sujeitos quando atingem a maioria.	Consenso

"[...]
Afinal compreendi
AFINAL
Já não retrocedo
AFINAL
E avanço segura
AFINAL
Avanço e espero
AFINAL
E bendigo aos céus porque quis Deus
que negro azeviche fosse minha cor
E já compreendi
AFINAL
Já tenho a chave!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
Negra sou!"

Me gritaram negra, poema de Victoria Santa Cruz

